

A ORIGEM DOS CRISTÃOS-NOVOS E AS RAÍZES JUDAICAS DO BRASIL

Alfeo Seibert Filho
Universidade Estadual de Maringá-UEM

O trabalho analisa o processo do envolvimento do povo judeu na formação étnica, social e cultural do Brasil. Trata-se de um resgate historiográfico sobre a participação dos judeus sefarditas, que se tornaram influentes e prósperos nos séculos IX ao XVI na sociedade ibérica, analisando também as suas contribuições no processo dos descobrimentos das novas terras e da colonização do Brasil.

Nesse sentido, é importante ressaltar a instauração do Tribunal do Santo Ofício na Espanha, em 1478 e o Édito de Expulsão dos judeus em Portugal no ano de 1496. Em 1536, o Tribunal do Santo Ofício é instaurado em Portugal. Com a instalação do tribunal, os judeus que haviam sido convertidos forçadamente ao cristianismo, passam a ser perseguidos sob a acusação de práticas judaizantes. Ou seja, convertidos ao cristianismo por determinação régia, passam a ser perseguidos por “criptojudaísmo”.

A ênfase do estudo é a análise da natureza e os objetivos do Tribunal do Santo Ofício, assim como o aprofundamento da discussão historiográfica sobre a maneira como se desenvolveu o sentimento antissemita e as inúmeras formas de constrangimentos sofridos por aqueles que foram chamados cristãos novos, para serem distinguidos dos antigos cristãos.

A pesquisa procura ainda demonstrar que os cristãos-novos foram fundamentais para que o descobrimento das novas terras e para a colonização portuguesa da América nas atividades de exploração do pau-brasil, na produção e no comércio de açúcar e, principalmente, na contribuição social e na formação étnica do Brasil.

Palavras-chave: Colonização do Brasil; Cristãos-novos; Judeus.

Os judeus possuíam uma situação muito boa no período da Espanha muçulmana. A retomada da Península pelos cristãos, em um primeiro momento, até favoreceu a situação dos hebreus na região. Os judeus eram artesãos, pequenos e grandes comerciantes, financistas, médicos, homens de leis e funcionários da corte (SARAIVA, 1985, p. 21).

Segundo Saraiva (1985), o período dos séculos XII e XIII foi o de maior esplendor para os hebreus da Península Ibérica, pois foram intelectuais, filósofos, professores e astrônomos (NOVINSKY, 1990, p. 24), porém, se a

retomada do cristianismo na Península, num primeiro momento, se mostra favorável às atividades executadas pelos judeus, isto não ocorrerá por muito tempo, como veremos a seguir.

Os judeus eram os administradores do tesouro real, cobradores de impostos, fornecedores de capital aos reis ibéricos para custeio das aventuras marítimas e possuíam o monopólio do comércio de cereais e, além disso, eram os médicos da Corte. Os judeus também tiveram influência na tradição astronômica árabe-judaica, destacando-se neste período Abraão Zacuto que elaborou o *Almanach Perpetuum*, entre outros instrumentos que auxiliaram as grandes navegações (SARAIVA, 1964, p. 18-19). Tudo isso gerou inveja e ódio que se juntaram a um sentimento antijudaico previamente existente entre os cristãos. A desconfiança fez com que não faltassem argumentos para serem usados como artifícios e acusações contra os judeus.

O crescimento do sentimento antissemita entre os cristãos em território espanhol, no século XV, fez com que os judeus, mais uma vez, buscassem estratégias para sobrevivência. Mesmo que a perseguição não fosse uma novidade para os judeus, conviver com esta realidade era desesperador. O processo histórico em que o sentimento de ódio se manifesta tem origens antigas, e sobrevive até nossos dias. No entanto, o fenômeno cristão-novo foi uma novidade, algo inédito, como afirma Saraiva (1985, p. 21), “se o problema judaico existiu em quase toda a Europa, em toda a bacia do Mediterrâneo e noutras regiões do mundo, o problema dos cristãos-novos é especificamente ibérico”.

Além de Saraiva (1985) confirmar a importância e a influência dos judeus no Mediterrâneo e no Mundo, o problema do surgimento dos cristãos-novos, que o autor aponta, é fundamental para entender o cenário ibérico nas vésperas dos “descobrimientos” e da ocupação e colonização da América. Segundo nosso entendimento, o envolvimento dos judeus revela as raízes judaicas do processo que origina o Brasil.

Para melhor entender o surgimento dos cristãos-novos, Novinsky (1990, p.25) afirma que a conversão em massa dos judeus ao cristianismo, como aconteceu na Espanha, nunca ocorreu durante o longo período da diáspora, salvo situações isoladas ou específicas, pois, quando os judeus eram postos à

prova, preferiam a morte no lugar da conversão. Portanto, a conversão em massa dos judeus ao cristianismo, que ocorre em Portugal, é um fenômeno social novo.

O estabelecimento da Inquisição em 1478 pela bula Papal de Xisto IV, a pedido de Fernando e Isabel, respectivamente reis de Aragão e Castela, estabelecendo o cristianismo como a única fé aceita no reino unificado pelo casamento de seus monarcas (GREEN, 2011, p. 56). A conversão forçada, evidentemente, não significou a adesão de todos os judeus ao cristianismo. A partir de então, os antigos judeus que viviam na Espanha, passaram a se dividir em três grupos. Conforme Saraiva (1985, p. 23):

Em principio, o estabelecimento da Inquisição em Espanha pode explicar-se pela confusão resultante da existência dos dois grupos, o dos judeus convertidos e o dos não convertidos, que originava e sustentava um terceiro grupo, o dos falsamente convertidos. Por outro lado, a conversão de milhares de judeus criara uma nova camada burguesa cristã (de origem judaica), inimiga natural da velha burguesia judaica.

Com a publicação da lei de 31 de março de 1492, que determinava que todos os judeus não convertidos saíssem da Espanha até 31 de julho daquele mesmo ano (HERCULANO, 1867, p. 50) e, ainda, sob as constantes ameaça de morte e perda de seus bens, apressou a saída definitiva dos judeus da Espanha.

Acredita-se que pelo menos 120.000 judeus saíram da Espanha atravessando a fronteira para entrarem em Portugal e fugir do terror espanhol (SARAIVA, 1985, p. 33), podendo este número ser maior (NOVINSKY, 1990, p. 33). Entre os que se converteram e permaneceram no território espanhol, muitos se tornaram personagens importantes da história, tais como; Fernando Rojas, Juan Luis Vives, Santa Tereza de Ávila e o padre Diogo de Lapinez (SARAIVA, 1985), portanto, a linhagem judaica nunca se apartou da Espanha.

Segundo Keller (1966), a histórica viagem de Colombo “descobrimo” a América partiu da Espanha em três de Agosto de 1492, justamente no encerramento do prazo da expulsão dos judeus da Espanha que ocorreu em dois de Agosto (KELLER, 1966, p. 342) e teve uma importante participação de judeus. Ainda segundo Keller (1966, p. 342), “desde o seu nascimento, a

história do Novo Mundo do outro lado do oceano Atlântico esteve estreitamente ligada com o povo judaico; a imortal expedição foi uma empresa na qual marranos e judeus participaram decisivamente no seu projeto de execução.”

Keller (1966) também acrescenta a discussão sobre o fato de Colombo ser ou não de descendência judaica, afinal, a incerteza sobre a origem do navegador persiste, segundo ele. O certo é que os judeus Isaac Abravanel e Abraão Senior e um grupo considerável de judeus convertidos fizeram com que o projeto tivesse viabilidade, tanto financeira quanto política.

Nesta linha de pensamento, é inegável a participação dos judeus nos descobrimentos e nos projetos dos reis católicos espanhóis Fernando e Isabel, como também posteriormente de D. Manuel, rei de Portugal, em todas as conquistas da Índia e do Brasil.

Se a Inquisição foi estabelecida na Espanha em 1478, ela só se estabelece em Portugal em 1536 (GREEN, 2011). É justamente neste período de 58 anos que o número de judeus em Portugal aumentou extraordinariamente, e que Portugal atinge o seu apogeu, conquistando seu império ultramarino, que inclui partes do continente africano, a Índia e o Brasil.

Portugal desenvolveu a navegação de forma impactante e revolucionária desde os tempos do Infante D. Henrique, cognominado de “O Navegador” (1394-1460), que fundou a escola náutica de Sagres. Escola em que os judeus tiveram participação importante. Grandes mestres como o judeu Jacome de Maiorca, cujo nome hebraico era Yehuda Bem Abraham, que era douto na arte de navegar e fazer cartas e instrumentos. Assim, os judeus contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da arte de navegar em Portugal (LIPINER, 1987).

Lipiner (1987) faz menção ao “mestre Josepe judeu” que desenvolveu a utilização de tábuas organizadas pela altura do sol, medindo o distanciamento das costas terrestres, isto já no tempo de D. João II. Este aparelho seria utilizado por Vasco da Gama mais tarde, assim como Colombo também tinha anotações de Josepe (LIPINER, 1987). Portanto, o processo que levou Portugal às Índias e ao Brasil tem significativa participação dos judeus.

No contexto dos perigos e das perseguições que sofriam primeiro na Espanha e depois em Portugal, entre os que saíram de Portugal com a expulsão de 1497 estava também Abraão Zacuto (que parece ter saído voluntariamente), o mesmo que colaborou de forma muito significativa, criando o *Almanach Perpetuum* e aperfeiçoando o astrolábio. Esses instrumentos contribuíram para que as viagens portuguesas de Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral tivessem êxito e atingissem as Índias (LIPINER, 1987).

Fernando e Isabel haviam estabelecido como condição para a realização do casamento entre D. Manuel I e sua filha, a expulsão dos judeus de Portugal, do mesmo modo como haviam sido expulsos nos reinos espanhóis. Para cumprir este acordo D. Manuel publicou o Editto de expulsão dos judeus de Portugal em dezembro de 1496 (HERCULANO 1867). D. Manuel I, sabedor da importância dos judeus para o reino português e de que estes eram indispensáveis para o sucesso econômico dos projetos nos quais Portugal estava envolvido, criou obstáculos para a saída dos mesmos.

Ao invés de perder os judeus, Herculano (1867) descreve como D. Manuel fez o possível e o impossível para segura-los no reino de Portugal. O Rei não providenciou navios e nem deu condições para o eventual embarque e saída de Portugal. Os judeus que insistiam em deixar Portugal eram arrastados pelos cabelos até a pia batismal (HERCULANO, 1867, p. 73), fazendo surgir os chamados “cristãos forçados”; assim, extinguíram-se, em Portugal, os judeus e surgiram os cristãos-novos (SARAIVA, 1985, p. 35).

Em fevereiro de 1497, D. Manuel expediu ordens para que se tirassem as crianças dos judeus e entregassem a famílias cristãs para educá-las, batizando todas aquelas que tinham menos de 14 anos. O problema relacionado aos conversos, que era um problema exclusivo espanhol, torna-se um problema também em Portugal. A Espanha se livra dos judeus, mas, em Portugal, os judeus foram forçados a se converter ao Cristianismo, pois a sua saída do Reino, após o decreto de expulsão, foi obstaculizada.

Mesmo tendo sido obrigados à conversão, os cristãos-novos continuaram a ser chamados de “gente de nação”, referindo-se à nação hebreia. Saraiva (1964, p. 22-23) cita o padre jesuíta Diogo de Aredo, segundo o qual, não haveria mais família de cristãos-velhos em Portugal que não tivesse

membros de sangue hebreu, chegando a citar o número de um milhão de pessoas, para uma nação que não deveria ter uma população com mais do que dois milhões no início do século XVII.

Se em Portugal as coisas, para os judeus, estavam indo de mal a pior, o Brasil e o oriente, tornam-se uma opção. Damião de Góis (*apud* ALMEIDA, 1997, p. 29) cita a carta de D. Manuel em 1507, que faz concessões aos judeus:

D. Manuel percebeu a importância dos Judeus como financeiros do Estado e, por carta de 1 de Março de 1507, concede aos cristãos-novos garantia de liberdade civil, autorização de sair do país, definitiva ou temporária, para comerciar por terra e mar e para vender ou transportar bens para países cristãos em navios portugueses. Num primeiro momento, a conversão forçada favoreceu a comunidade judaica, ao abrir-lhe as portas aos arrendamentos da Coroa.

Na Espanha havia um provérbio que dizia que para fazer fortuna existiam apenas 3 formas: a Igreja, a casa Real e o mar (SARAIVA, 1964, p. 15). Expulsos da casa real e estranhos à comunidade cristã não restou alternativa aos judeus senão o mar. Os grandes empreendimentos marítimos que Portugal e Espanha realizaram no final do século XV e início do XVI tiveram a participação dos judeus.

Assim, os judeus, e depois os cristãos-novos, não foram importantes apenas para a expansão ultramarina, este grupo étnico teve também importante participação no processo de colonização das terras americanas.

Uma carta datada de três de Outubro de 1502, da autoria de Pietro Rondinelli, afirma que o Brasil foi arrendado a certos cristãos-novos (LIPINER, 1969). Entre os cristãos-novos arrendatários estava Fernando ou Fernão de Noronha (GARCIA, 1936). Este arrendamento durou de 1501 a 1516 (SALVADOR, 1976) dando a entender o tipo de português que inicialmente veio ao Brasil. Estes documentos confirmam que os judeus, transformados em cristãos-novos, foram os primeiros colonos brasileiros. Como exemplo, Garcia (1936) cita João Ramalho, “o caramurú”, que assim como Francisco De Chaves e outros, era de origem judaica.

Na primeira metade do século XVI, as atenções de Portugal estavam mais concentradas no comércio com as Índias, porém, a Coroa portuguesa era

sabedora de que se o Brasil não fosse por eles ocupado e colonizado, outros o fariam. Sendo assim, em 1530, foi organizada uma expedição, sob o comando de Martim Afonso de Souza, que deveria investigar e distribuir terras e fundar povoados. Segundo Salvador (1976), havia cristãos-novos entre os que vieram com Martin Afonso. Acrescentamos o relato de Salvador (1976, p. 242-243):

O Oriente ainda absolvía o cristão-velho. Restava, no entanto uma classe de gente operosa, senhora de recursos, ambiciosa, mas perseguida, e que podia ser aproveitada: era a dos conversos judeus. Se muitos já tinham passado para cá, degredados ou por espírito de aventura, melhor seria se a outros se oferecessem oportunidades.

Segundo Salvador (1985), temos conhecimento do consórcio de Fernando de Noronha ou “Fernão de Noronha” com os italianos ligados à sua empresa, os quais também tinham laços de sangue hebreu.

Martim Afonso de Souza também tinha parcerias comerciais com italianos de origem hebraica. Salvador (1985) não isenta os ingleses e os holandeses, concorrentes contrabandistas dos portugueses, de laços judaicos. De fato, o Brasil tem uma história ímpar de mistura étnica, porém, a participação dos hebreus denominados “cristãos-novos” parece ter sido um impulso inicial fundamental para a formação nacional.

Salvador (1985) afirma que por muito tempo os judeus teriam sido a maioria da população branca do Brasil. Além disso, muitos membros da nobreza portuguesa possuíam sangue hebreu em suas veias, incluindo dois governadores gerais do Brasil: Tomé de Souza e Mem de Sá.

O abandono do judaísmo na Península Ibérica fez com que estes cristãos-novos chegassem ao Brasil parcialmente desvinculado de sua antiga crença, ao mesmo tempo em que também, com algumas exceções, não tivessem se apegado à nova crença que lhe foi imposta.

Considerando que, no Brasil, não havia a vigilância e a perseguição que havia na Península, nos trópicos, o cristão novo teve liberdade para exercer um papel fundamental nos primeiros empreendimentos coloniais, seja na exploração do pau-brasil, na produção do açúcar, ou nas primeiras relações e contatos com os nativos. Portanto, se não considerarmos a participação desses

cristãos-novos, não conseguiremos uma devida compreensão sobre a História do Brasil. Segundo Salvador (2001, p. 135):

Eles sim são os edificadores do Brasil. Foram os primeiros a devastar os nossos sertões, a contatar com os indígenas, a formar vilas, a cultivar a cana-de-açúcar e os cereais, ajudar a administrar as povoações, a abrir e desenvolver o comércio e a agricultura. Estiveram ao lado dos defensores. Na política, na diplomacia, na economia, nas finanças.

Ainda segundo Salvador, os cristãos novos “interessaram-se pela Terra de Santa Cruz no momento em que Portugal não dispunha de gente e nem de recurso para povoá-la” (SALVADOR, 2001, p. 135).

A instalação do Santo Ofício em Portugal em 1536 foi, sem dúvida, um incentivo para que os cristãos-novos, sempre suspeitos de ser judaizantes, ficassem mais temerosos e aos poucos deixassem Portugal. O Brasil significou uma possibilidade de viver longe das garras inquisitoriais, pelo menos durante o período em que o governador geral foi Tomé de Souza que, no aspecto da liberdade, foi maleável. Neste período, se tem notícias de cristãos-novos que praticavam livremente o judaísmo, ao mesmo tempo em que começou a chegar um número maior de fugitivos e desterrados por motivos religiosos, vindos de Portugal. Foi nesse período que o Brasil se tornou o maior produtor de açúcar do mundo (NOVINSKY, 1990, p. 75).

No ano de 1591, o Brasil recebeu a visitação do Santo Ofício, Heitor Furtado de Mendonça (visitador) permaneceu no Brasil até 1595. Nesta primeira visitação, na Bahia e em Pernambuco, recebeu centenas de confissões e denúncias (NOVINSKY, 1990, p. 76), tendo, como sempre, os “judaizantes” como alvo principal.

Havia uma diferença fundamental entre o cristão-novo que saiu de Portugal e migrou para os países do norte da Europa e o cristão-novo que vivia no Brasil. Segundo Novinsky (2013, p. 58), o cristão-novo “brasileiro” criou raízes profundas na nova terra, integrando-se totalmente no meio social pela miscigenação, recebendo uma influência profunda do meio.

Apesar da maioria dos cristãos-novos perderem ao longo do tempo seus vínculos com a antiga religião judaica, o judaísmo ainda sobrevivia no Brasil no final do século XVI. Como exemplo, há registros da existência, no Espírito

Santo, de um grupo de cristãos-novos que praticavam o judaísmo. Eles reuniam-se às sextas-feiras na sinagoga, sob a direção do mercador Francisco Rodrigues Navarro (SALVADOR, 1976).

No início do século XVII, em plena União Ibérica (1580-1640), a situação dos cristãos-novos no Brasil se complicava. Se, por um lado, os cristãos-novos enriqueceram com a produção e o comércio de açúcar, por outro lado, o número de cristãos-novos banidos de Portugal e, condenados a viver no Brasil se ampliava (PIERONI, 2003).

Felipe II, rei da Espanha, ascendeu ao trono de Portugal em 1580, dando início à União Ibérica. Este fato ampliou a rede comercial dos cristãos-novos na América colonial, pois a rede comercial envolvia o Brasil, Buenos Aires, chegando até Lima. Vejamos o relato de Bandeira (2012, p. 50-51):

Desde o primórdio de Buenos Aires, que coincidiu com a ascensão de Felipe II, rei da Espanha, ao trono de Portugal, os comerciantes lusos lá se estabeleceram e, envolvendo autoridades de Córdoba e da Audiência de Charcas, desdobraram sua rede de negócios a outras cidades, inclusive Lima, onde praticamente dominam a praça. Esses comerciantes, em sua maioria, eram judeus e mantinham estreitas vinculações com outros, da mesma nacionalidade, nos mercados de Londres e, particularmente, Amsterdã. Conhecidos como cristãos-novos ou marranos-eles afluíram para a América, em virtude das perseguições do Santo Ofício [...].

Os “marranos portugueses” chegaram a formar parte significativa da população de Buenos Aires (BANDEIRA, 2012, p. 51). Segundo Loureiro o Rio do Prata nunca foi totalmente controlado pela Espanha, o ouro e a prata de Lima e Potosi foram alvos dos cristãos-novos. O padre Montoya divulga em Madri o desejo dos paulistas “cristãos-novos” em dominar Buenos Aires e o Peru (LOUREIRO, 2012).

A Invasão holandesa em Recife, em 1630, altera os ânimos e as perspectivas político-econômicas da Coroa em relação ao Brasil, independentemente do fato dos marranos terem ajudado ou não aos holandeses. Para os cristãos-novos que eram judaizantes ou sonhavam com um retorno ao judaísmo, a invasão holandesa foi motivo de alegria (WIZNITZER, 1966, p. 49).

As mudanças que envolveram as invasões holandesas foram profundas em vários setores da vida política e econômica, segundo Bandeira (2012, p. 51-52):

Com a ocupação, primeiro, do nordeste brasileiro e, depois de Guiné e Angola pelos holandeses, no segundo quartel do século XVII, os negócios através do porto de Buenos Aires foram, porém, seriamente afetados. Os portugueses perderam o domínio do Atlântico sul e suas feitorias na África, o que contribuiu, sem dúvida, para avimentar ainda mais as bandeiras de apressamento, com vista à substituir os negros pelos indígenas e suprir a demanda de escravos, tanto no Brasil e Portugal quanto, possivelmente, da própria América espanhola [...].

Aos poucos, os cristãos-novos portugueses migram em número cada vez maior para a Holanda. A Inquisição continuava a fazer dos cristãos-novos suas vítimas, o que fez com que a “gente de nação” ou os “homens de negócio” levassem o seu capital e seus negócios para a Holanda, pois naquele país, os cristãos-novos tinham liberdade religiosa, inclusive para retornarem ao judaísmo (VAINFAS, 2010).

Quando os holandeses conquistaram o nordeste do Brasil, alguns dos antigos cristãos-novos portugueses retomaram o judaísmo. Com a expulsão dos batavos, os antigos cristãos-novos que se reconverteram ao judaísmo foram obrigados a abandonar a colônia americana de Portugal ou, pelo menos, tentar retomar o cristianismo. O retorno de cristãos-novos brasileiros às práticas judaicas em Pernambuco foi breve. No período holandês, Pernambuco havia sido, conforme afirmou Vainfas, a “Jerusalém colonial”, com o resgate de culto do judaísmo, a construção da primeira sinagoga das Américas e com a vinda de um rabino trazido da Holanda. Porém, a liberdade dos judeus logo chegou ao fim. Em 1654, ano em que os holandeses foram expulsos do nordeste brasileiro, cerca de cinco mil judeus viviam no Brasil holandês (WIZNITZER, 1966, p. 113). A intolerância voltaria a ser a mesma que havia sido antes da chegada dos holandeses. Ou seja, o Brasil passou a ser novamente a uma terra apenas de cristãos-novos e cristãos-velhos, onde o judaísmo apenas poderia ser praticado ocultamente, longe dos olhos dos inquisidores.

Estudar os cristãos-novos e descobrir as raízes judaicas do Brasil é, de fato, fazer justiça à memória de um povo que ajudou a enriquecer muitas

culturas que estão espalhadas pelo mundo. O Brasil continua devedor de sua própria memória, afinal parece que sabemos muito pouco de nossa própria história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. A. Marques de. **O Zangão e o mel**: Uma metáfora sobre a diáspora sefardita e a formação das elites financeiras na Europa (séc. XV-XVII). Lisboa: Revista Oceanos, 1997.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A Expansão Do Brasil e a Formação Dos Estados Na Bacia Do Prata**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

GARCIA, Rodolfo. **Os Judeus na Historia do Brasil**. Rio de Janeiro: Uri Zwerling, 1936.

GREEN, Toby. **Inquisição: O Reinado Do Medo**. Rio De Janeiro: Objetiva, 2011.

HERCULANO, Alexandre. **História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867.

KELEER, Werner. **História Do Povo Judeu: Da Destruição ao Novo Estado de Israel**. Munique: Galeria Panorama, 1966.

LIPINER, Elias. **Gaspar Da Gama: um converso na frota de Cabral**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

_____. **Os Judaizantes Nas Capitanias de Cima**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969.

LOUREIRO, Marcello José Gomes. **A Gestão Do Labirinto: Circulação de Informações No Império Ultramarino Português, Formação de Interesses e Construção da Política Lusa para o Prata (1640-1705)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.

LOURENÇO, Elias José. **Judeus: os povoadores do Brasil colônia**. Brasília: ASEFE, 1995.

NOVINSKY, Anita. **A Inquisição**. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

_____. **Cristãos Novos Na Bahia: A Inquisição no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

PIERONI, Geraldo. **Banidos: A Inquisição e a Lista dos Cristãos-novos Condenados a Viver no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SALVADOR, José Gonçalves. **Cristãos-novos**: jesuítas e Inquisição. São Paulo: Pioneira, 1969.

_____. **Os Cristãos-novos**: Povoamento e Conquista do Solo Brasileiro (1530-1680). São Paulo: Pioneira, 1976.

_____. **Vozes Da História**. São Paulo: Humanitas, 2001.

SARAIVA, Antonio José. **A Inquisição Portuguesa**. 3. ed. Lisboa, Publicações Europa América, 1964.

_____. **Inquisição e cristãos-novos**. 5. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1985.

VAINFAS, Ronaldo. **Jerusalém Colonial**: Judeus Portugueses no Brasil Holandês. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

WIZNITZER, Arnold. **Os Judeus No Brasil Colonial**. São Paulo: Pioneira, 1966.